

## MODERNISMO E A SEGUNDA GERAÇÃO LÍRICA

### META

Apresentar as propostas estéticas da poesia de Cecília Meireles, Murilo Mendes e Vinícius de Moraes.

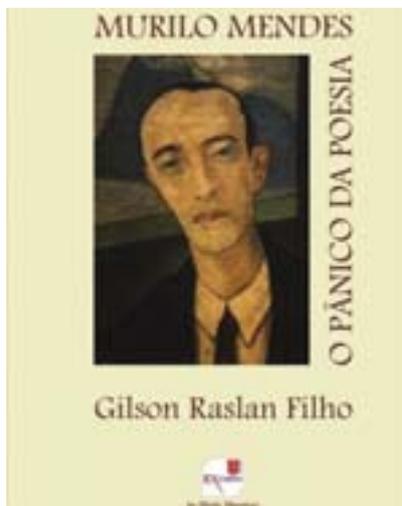
### OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

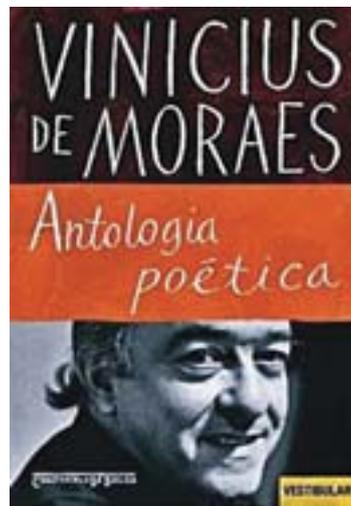
Identificar as propostas estéticas da segunda geração modernista;  
comparar a proposta estética de Cecília Meireles e Vinícius de Moraes;  
Compreender as características líricas de Murilo Mendes.

### PRÉ-REQUISITOS

Conhecimento sobre o Modernismo brasileiro.



Capa do livro *O Pânico da Poesia*  
(Fontes:<http://www.divinews.com/images/stories/2008/11/18/Capa>).



Capa do livro *Antologia poética*  
(Fotes:<http://www.raquelletras.blogspot.com/2010/02/vinicius-de-moraes.html>).



Capa do livro *Literatura Comentada*  
(Fontes:<http://www.img2.mlstatic.com>).

## DESAFIOS DA SEGUNDA GERAÇÃO ROMÂNTICA

A segunda geração poética apresenta suas peculiaridades e vários desdobramentos conforme a proposta de cada autor. A força poética de Carlos Drummond de Andrade se destaca pelo debate filosófico e o amadurecimento das concepções modernistas. Seguindo essa trilha, destacamos as propostas de Cecília Meireles, Murilo Mendes e Vinícius de Moraes, poeta que têm vários pontos em comum com a poesia intimista. A musicalidade de Cecília Meireles se destaca por sua pesquisa na tradição lírica de língua portuguesa. A força da poesia religiosa de Murilo Mendes é fundamental para entendermos sua proposta metafísica de busca do entendimento dos problemas sociais no encontro do homem com sua divindade. Jorge de Lima, poeta analisado na aula anterior, também apresenta essa temática. Já Vinícius de Moraes pertence à geração de poetas preocupados com uma estética intimista e um modo pessoal de debater os problemas da poesia modernista com seus rumos temáticos e estéticos. Assim, esse grupo de artistas traz um olhar amadurecido para as inovações modernistas. Vale destacar que a extensão da lírica produzida por esse grupo extrapola os limites e preconceitos impostos pelas vanguardas, pois todos vão buscar na tradição novas formas para um fazer poético moderno e personalizado.

### O IMAGINÁRIO SIMBÓLICO DE CECÍLIA MEIRELES

Cecília Meireles (1901-1964) é uma carioca que estudou na Escola Normal (Instituto de Educação) e exerceu a profissão de professora primária. Esse imaginário da escola e do universo infantil vai estar presente em suas baladas e na musicalidade de sua poesia. Aos 18 anos, publicou *Espectros* e não mais parou, produzindo uma poesia extremamente lírica e musical, marcada pelo ritmo doce, com uma preocupação modernista de discutir os próprios limites da poesia. Para muitos, ela é a maior herdeira da poesia simbolista brasileira no século XX. Uma mulher que buscou na tradição lírica de língua portuguesa uma forma de renovar o fazer poético. Sua obra é marcada “pelo verso curto de ritmo leve e ligeiro, que acompanha a fluência das impressões vagas, esbatidas. Rica de imagens a sua linguagem é, contudo, demasiado clara, conduzindo-nos a uma visualização rápida e fácil (CANDIDO; CASTELLO, 2006, p. 137).

Além de poetisa (ou “poeta”, como ela dizia ser) e professora, foi pedagoga, conferencista, jornalista, tradutora (inglês, espanhol, hindu e hebraico), cronista (publicou assiduamente no *Correio Paulistano*) e autora de obras dedicadas ao público infantil. Cecília, ao publicar seu primeiro livro, ainda seguia o padrão parnasiano de composição. Contudo, a partir de seu envolvimento com o grupo ligado à *Revista Festa* (1927) e sua adesão

a determinadas conquistas do Modernismo da Semana de Arte Moderna, Cecília passou a ser lida, e sua obra começou a receber destaque da crítica. Com o livro *Viagem*, de 1939, Cecília receberá louvores da crítica e passará a ter um olhar sempre interessado para suas produções. A publicação de *Romanceiro da Inconfidência*, em 1953, foi um marco em sua obra, pois, com o poema, Cecília deu vez e voz, de forma especialmente trabalhada, tanto na estrutura como na composição histórica e simbólica, ao episódio que envolveu Tiradentes e os inconfidentes mineiros.

Vamos ver as principais obras dessa grande escritora, além de *Viagem e Romanceiro da Inconfidência*, destacamos: *Vaga Música* (1942), *Mar Absoluto e outros poemas* (1945), *Retrato Natural* (1949), *Pequeno Oratório de Santa Clara* (1955), *Canções* (1956), *Giroflê, Giroflá* (1956), *Metal Rosicler* (1960) e *Solombra* (1963). O livro *Ou Isto ou Aquilo* (1964) foi escrito para crianças e guarda imagens famosas de ludismo e inventividade formal. Muitos de seus poemas foram musicados e integram o repertório da MPB. Pela musicalidade e expressividade que possuem, seus poemas estão entre os mais presentes e citados em blogs, vídeos e páginas da internet. (Navegue e aprecie esse universo dessa escritora). Veremos agora os aspectos que mais marcaram seu estilo.

Cecília Meireles, apesar da adesão às inovações modernistas, manteve em sua obra o diálogo com várias estéticas: a clássica, a medieval, a parnasiana, a simbolista, a surrealista, a romântica e mesmo a barroca. O lirismo medieval português foi-lhe especialmente inspirador. Assim, em sua obra, encontramos uma preocupação estética bastante particular e única dentro dos escritores de sua geração. Em termos formais, o uso da redondilha maior (versos com sete sílabas métricas), de tonalidade mais popular, e o da rima assonante foram marcantes, e deram à poesia de Cecília uma musicalidade também particular. Muitos de seus poemas têm como título ou parte do título a palavra “canção”, o que, além de denotar essa musicalidade, também revela o caráter neo-simbolista de sua poesia. Para melhor compreender a poesia de Cecília Meireles, citamos a definição que Hênio Tavares faz de “canção”, como um subgênero do lírico (1967, pp. 282-286):

Não há somente uma modalidade de canção. Ao longo da história literária luso-brasileira, encontramos pelo menos, três tipos bem distintos de canções: a trovadoresca, a clássica e a romântica ou moderna.

a) Trovadorescas: são as composições dos trovadores galego-portugueses da fase medieval. (cita pastorelas, desacordos e tenções e as formas das cantigas de amigo: alvas, serenas, bailias, barcarolas, romarias)./...

b) Clássicas: são criações da época renascentista e do período que vai até o século XVIII. De modo geral, compõem-se de três partes: a introdução (o poeta se serve para indicar uma situação circunstancial ou lugar em que está no momento da composição), o texto (encerra propriamente o desenvolvimento

do poema) e a ata (estrofe menor, semelhante ao ofertório das baladas). ./...  
c) Românticas ou modernas: A partir do romantismo a canção se revestiu de mais ampla liberdade forma e conceitual. Tornou-se um poema simples, expressivo, e comportando diversos assuntos.

No âmbito temático, encontramos: expressiva presença da morte, da solidão, da desesperança, do amor, do tempo e da criação lírica, em abordagens intimistas, de teor filosófico-simbólico, marcadas pela associação constante com sememas como água, mar, música, flores, noite, memória, além de diversos animais e alusões ao Oriente. Também aspectos históricos foram contemplados em sua poesia, principalmente em *Espectros* (ali encontramos poemas sobre personagens como *Cleópatra*, *Sansão*, *Judite*, entre outros) e *Romanceiro da Inconfidência*. Já obras como *Pequeno Oratório de Santa Clara* (1955), *Romance de Santa Cecília* (1957) e *Oratório de Santa Maria Egípcíaca* (1966, obra póstuma) foram baseados em narrativas cristãs medievais.

Para uma melhor compreensão da proposta lírica dessa escritora, vamos comentar alguns poemas quanto à sua técnica e seu imaginário. Começemos por *Motivo*, poema consagrado da autora, que além de revelar sua musicalidade e a busca do tempo perdido traz a metalinguagem poética, na qual o eu lírico se coloca de forma problemática diante do tempo.

#### Motivo

Eu canto porque o instante existe  
E a minha vida está completa.  
Não sou alegre nem sou triste:  
Sou poeta.

Irmão das coisas fugidias,  
não sinto gozo nem tormento.  
Atravesso noites e dias  
no vento.

Se desmorono ou se edifico,  
se permaneço ou me desfaço,  
— não sei, não sei. Não sei se fico  
ou passo.

Sei que canto. E a canção é tudo.  
Tem sangue eterno a asa ritmada.  
E um dia sei que estarei mudo:  
- mais nada.

(Cecília Meireles, 2001)

A consciência da necessidade de cantar remete ao uso da canção como base formal para suas composições líricas. Esse poema, ao trazer, em cada estrofe, três versos octassílabos seguidos de um dissílabo, promove um jogo de palavras marcado por um fecho contundente, o que nos reporta ao conceito de “ata”. “Sou poeta”, por exemplo, sintetiza e explica os versos anteriores. “No vento” apresenta o vento como um símbolo da consciência da fugacidade das coisas. E “ou passo” mostra, ainda no campo semântico de “vento” a impossibilidade de afirmar certezas. No final, o verso “mais nada” apresenta, bem no estilo ceciliano, uma conclusão seca, que indica o fim contundente, não aberto a polêmicas ou divagações. O verso “Irmão das coisas fugidias” pode muito bem se relacionar ao gosto pelos conteúdos simbolistas. E o não sentir “gozo nem tormento” afirma uma postura aparentemente apática, que a crítica muitas vezes apontou como traços de “estoicismo” na lírica ceciliana. Vejamos, o poema abaixo tirado do livro *Mar absoluto* (1945), considerado pela crítica uma obra-prima.

#### Sugestão

Sede assim – qualquer coisa  
serena, isenta, fiel.

Flor que se cumpre,  
sem pergunta.

Onda que se esforça,  
por exercício desinteressado.

Lua que envolve igualmente  
os noivos abraçados  
e os soldados já frios.

Também como este ar da noite;  
sussurrante de silêncios,  
cheio de nascimentos e pétalas.

Igual à pedra detida,  
sustentando seu demorado destino.  
E à nuvem, leve e bela,  
vivendo de nunca chegar a ser.

À cigarra, queimando-se em música,  
ao camelo que mastiga sua longa solidão,  
ao pássaro que procura o fim do mundo,  
ao boi que vai com inocência para a morte.

Sede assim qualquer coisa  
serena, isenta, fiel.

Não como o resto dos homens.

(Cecília Meireles, 2001)

Assim como em *Motivo*, a fugacidade e a passagem do tempo ganha formas: a flor, a onda e a nuvem. Três imagens que nos remetem à passagem ou à transitoriedade. O “ser serena, isenta, fiel” defende uma postura de aceitação passiva das imposições da vida. Esse repertório vocabular atesta o que afirmamos acima: a flor e os animais, além de elementos da natureza (noite, lua, onda, pedra) são os referentes simbólicos utilizados pela voz lírica para definir uma postura filosófica, que é sugerida ao receptor: viver com serenidade, isenção e leveza. “Não como o resto dos homens” terá o mesmo valor sintético e conclusivo, mas apresenta uma visão desiludida do mundo.

Lembremos, ainda, com este poema, que o uso de animais como referentes simbólicos teve grande força na época medieval, de onde se originam os famosos “bestiários”, que elencavam características dos animais, criando um valor mítico-simbólico para eles. Cecília teve, na lírica medieval, uma fonte de inspiração constante.

Também é curioso observar os títulos dos poemas; em que substantivos (motivo, e sugestão) sugerem diretamente o teor do que se vai dizer. “Nomear” as coisas, os sentimentos e as situações, fazendo uso de comparações simbólicas, é um recurso sempre presente na criação ceciliana. Essa subjetividade é a marca dessa escritora que buscou na passagem do tempo o tema principal de sua lírica. Confirmamos agora um poema do livro *Solombra* (1963):

O gosto da beleza em meu lábio descansa:  
breve pólen que um vento próximo procura,  
bravo mar de vitória – ah, mas istmos de sal!

Eu – fantasma – que deixo os litorais humanos,  
sinto o mundo chorar como em língua estrangeira:  
eu sei de outra esperança: eu conheço outra dor.

Apenas alta noite algum radioso espelho  
em sua lâmina reflete o que estou sendo  
E em meu assombro nem conheço o próprio olhar.

Alta é a alucinação da provada Beleza.  
Pura e ardente, esta angústia. E perfeita, a agonia.

Eu, que a contemplo, vejo um fim que não tem fim.  
Dunas da noite que se amontoam.

(Cecília Meireles, 2001)

A imagem da flor continua presente na sugestão do pólen, acrescida de outros elementos constantes na lírica cecilianiana, como o mar, a noite, o vento e o espelho. Em uma leitura possível, temos a metalinguagem e um novo exercício de reflexão sobre o fazer poético. A beleza, com B maiúsculo, denuncia o tom simbolista, assim como a impregnação surrealista da imagem que se cria. Muitas são as análises possíveis. O que fizemos aqui foi mostrar como é possível encontrar unidade na obra de Cecília Meireles, tomando poemas de diferentes livros e compreendendo a natureza de sua criação. Para concluirmos deixamos a perspectiva de sua poesia histórica que encontramos em *Romanceiro da Inconfidência*, uma obra fenomenal dessa escritora que valoriza a perspectiva épica para fazer uma poesia social de reflexão sobre a liberdade. Ao revisitar os dramas vividos pelos inconfidentes, Cecília Meireles produz uma poesia modernista que busca no passado elementos para a construção de uma proposta inovadora. Sem deixar de lado sua musicalidade, seu verso sereno, ela constrói um painel dos acontecimentos por meio de versos repletos de historicidade e consciência crítica do passado brasileiro. Assim, ela busca no passado um tema para refletir sobre as lutas do homem do presente.

Composto de cinco falas, quatro cenários, uma serenata, um retrato e oitenta e cinco romances, *Romanceiro da Inconfidência* traz, como plano histórico, o episódio da Inconfidência Mineira, seus antecedentes e suas conseqüências na vida dos envolvidos. É uma epopéia moderna, com características particulares, entre elas, a própria estrutura poemática, que suprime os cantos e propõe uma leitura espaço-temporal, em que as falas traduzem a proposição temporal e os cenários, a proposição espacial. Os romances fazem o preenchimento do tempo-espaço histórico e *Retrato de Marília* e *Imaginária Serenata* promovem uma quebra na estrutura, abrindo espaço para a voz de Marília, a musa de Tomás Antônio Gonzaga. Na parte formal, o uso do itálico relaciona-se às elaborações poéticas de valor dramáticos e o tipo redondo, o valor épico-lírico. O uso dos travessões, dos parênteses e das aspas também faz parte da intencionalidade discursiva programada de Cecília. Já a preocupação em montar uma epopéia de feição popular percebe-se pela opção por “romances” em lugar de “cantos”.

Cecília parte do herói, Tiradentes, tomado a partir de sua condição mítica— visto ser um mito vivo na memória do brasileiro — para tentar buscar o homem e sua verdadeira ideologia, como forma de resgate ou de inauguração de uma visão brasileira do fato histórico e do herói nele envolvido. Tiradentes é o herói nacional, cuja morte, sem a realização do feito, transforma-o numa espécie de redentor. A presença de um Tiradentes humanizado, ainda que equiparado a Cristo, cercado de depoimentos,

testemunhas, vozes e informações histórico-culturais, integra o poema à cultura brasileira e mineira, constituindo um relato literário impregnado pelo olhar íntimo, próprio de quem compartilhou a própria experiência individual com o evento histórico, político, estético e filosófico.

## A POÉTICA RELIGIOSA DE MURILO MENDES

Murilo Monteiro Mendes é mineiro de Juiz de Fora. (1901-1975). Apesar de ter poemas publicados com os poetas da primeira fase do Modernismo, só publicou sua primeira obra em 1930, *Poemas*. Depois de se converter ao Catolicismo, publica em 1935, *Tempo e eternidade*, junto com Jorge de Lima. Essa obsessão pelo metafísico abrange temas místicos e gosto pelo insólito. Sua poética também se destaca pela forma como incorpora elementos das artes plásticas ao fazer poético. Por essa diversidade de abordagens, Murilo Mendes apresenta “liberdade criadora, a ausência de preconceitos literários e a força experimentadora do lirismo. Embora tenha percorrido mais de um caminho, é notória a unidade da sua visão, que tende a reordenar o mundo segundo uma espécie de agressiva lógica poética” (CANDIDO, CASTELLO, 2006, p. 203).

Assim, podemos dizer que a trajetória de Murilo Mendes no Modernismo brasileiro parece curiosa, se não paradoxal, pois, das sátiras e dos poemas-piadas ao estilo oswaldiano, partiu para uma poesia religiosa, que não deixava, contudo, de lado, a realidade social. Acompanhando, pela veia do misticismo religioso, as transformações, nos campos econômico e político, vividas pelo século XX, quer no campo econômico, político e artístico, Murilo Mendes foi o poeta modernista brasileiro que mais se identificou com o Surrealismo europeu, pois “sua poesia vinha formalmente preparada para a expressão do sobrenatural, graças a um acentuado pendor surrealista, manifestado de um modo livre, apropriado à sua norma poética” (CANDIDO, CASTELLO, 2006, p. 203). Veja como sua temática metafísica está construída na poesia abaixo.

O homem, a luta e a eternidade

Adivinho nos planos da consciência  
dois arcanjos lutando com esferas e pensamentos  
mundo de planetas em fogo  
vertigem  
desequilíbrio de forças,  
matéria em convulsão ardendo pra se definir.  
Ó alma que não conhece todas as suas possibilidades,  
o mundo ainda é pequeno pra te encher.  
Abala as colunas da realidade,

desperta os ritmos que estão dormindo.  
À guerra! Olha os arcanjos se esfacelando!  
Um dia a morte devolverá meu corpo,  
minha cabeça devolverá meus pensamentos ruins  
meus olhos verão a luz da perfeição  
e não haverá mais tempo.

No texto *O homem, a luta e eternidade*, Murilo Mendes condensa o grande tema de sua poesia: a busca da paz interior. Nesse texto ele ressalta que a vida é passageira e cheia de conflitos. Observe que o drama do eu lírico só se resolve com a morte. O texto questiona as vaidades mundanas ao destacar o quão rápido é a passagem do homem pela terra. A perspectiva católica está presente na imagem dos arcanjos e na filosofia cristã de vida depois da morte.

A partir de *Tempo e eternidade* (1935), escrito em parceria com Jorge de Lima, Murilo Mendes passou a se dedicar à poesia mística, centrada na figura de Cristo. Dos contrastes entre a Poesia e a Igreja, o finito e o infinito, o material e o espiritual, emerge a consciência do caos, de um mundo esfacelado, de uma civilização de cadente, tema constante em sua obra. Tal como era aspecto marcante do Modernismo em geral, a função poética direciona-se à tentativa de tentar ordenar o caos. Em Murilo Mendes, essa tentativa parte do uso da lógica, da criatividade e do poder de libertação do trabalho poético.

Como poeta modernista, Murilo Mendes também debateu a tradição lírica brasileira. Sua versão do nacionalismo ufanista se mostra madura e crítica em *Canção do exílio*, do livro de estréia, *Poemas* (1930). Esse poema se integra à tradição das canções de exílio, cujo referente maior é a *Canção do exílio* do poeta romântico Gonçalves Dias. A metalinguagem e a intertextualidade irreverente estão bem antenadas com o espírito transgressor modernista e seu teor condizente com a experiência de viver em Roma, onde atuava como professor:

#### Canção do Exílio

Minha terra tem macieiras da Califórnia  
onde cantam gaturamos de Veneza.  
Os poetas da minha terra  
são pretos que vivem em torres de ametista,  
os sargentos do exército são monistas, cubistas,  
os filósofos são polacos vendendo a prestações.  
A gente não pode dormir  
com os oradores e os pernilongos.  
Os sururus em família têm por testemunha a Gioconda.  
Eu morro sufocado  
em terra estrangeira.

Nossas flores são mais bonitas  
Nossas frutas mais gostosas  
mas custam cem mil réis a dúzia.  
Ai quem me dera chupar uma carambola de verdade.  
e ouvir um sabia com certidão de idade!

(Murilo Mendes, 1930)

Esse texto tem uma ironia muito comum nos poemas da primeira geração modernista. O contexto italiano ganha um tom lúdico e humorístico, que mostra o quanto é caro ser brasileiro fora do Brasil. Portanto, Murilo Mendes apresenta a maturidade do poeta da segunda geração, que parte das propostas dos primeiros modernistas para uma obra particularizada na busca do equilíbrio do homem católico. Podemos dizer que sua obra é irregular por ser abundante, todavia, “o leitor deve confiar no seu canto, aceitá-lo como expressão de um universo refeito contra a ordem natural pela ordem da poesia” (CANDIDO, CASTELLO, 2006, p. 203).

## A POESIA DE VINÍCIUS DE MORAES

Marcos Vinícius de Melo Moraes (1913-1980) faz parte dos poetas da segunda geração por seus envolvimento com a lírica metafísica e religiosa, mas sem sombra de dúvidas é um dos poetas mais populares e queridos devido à força de sua contribuição para a Música Popular Brasileira. Ele é mais um exemplo de poeta modernista cuja obra quase sempre é compreendida a partir de um olhar restrito e centrado em sua conhecida faceta de poeta boêmio e em seus laços com a música. Como ele transitou da poesia para a música popular, acabou ficando marcado como o cantador de sentimentos como o amor, a saudade, a fidelidade, além da beleza e, claro, da mulher. De igual forma, em relação ao aspecto formal, é comum associarmos sua produção ao soneto. Todavia, muito mais vasta foi sua contribuição para a literatura brasileira no decorrer de sua vida e dos 47 anos dedicados à poesia, à música e à crônica.

Antecipando os críticos, Vinícius de Moraes, em *Advertência*, texto que antecede os poemas de sua *Antologia Poética* (1955), define e nomeia as duas fases de sua poesia: a primeira inclui o livro de estréia (posteriormente recolhido pelo autor, *O Caminho para a Distância*, de 1933), *Forma e Exegese* (1935), *Ariana, a Mulher* (1936) e algumas composições de *Novos Poemas* (1938). A segunda fase reúne os outros poemas de *Novos poemas*, as *Cinco Elegias* (1943), os *Poemas, Sonetos e Baladas* (1946) e *Pátria Minha* (1949). Ele nomeia a primeira fase de transcendental. Nela há a marca freqüente do misticismo e, como assinalou Manuel Bandeira, um debate constante entre as solicitações da carne e as do espírito. A segunda já reflete uma

aproximação com o mundo material. Segundo o poeta, em *Cinco Elegias*, ele teria alcançado a libertação contra os “preconceitos e enjoamentos de sua classe e do seu meio”.

Seguindo a orientação de leitura fornecida pelo próprio Vinícius, podemos observar, no primeiro grupo de poemas, o uso do verso longo, difuso e de conteúdos melancólicos, surrealistas, apocalípticos e mesmo dramáticos e de tom pessoal, em alguns casos. O Neo-Simbolismo e sua impregnação religiosa vinda da “corrente espiritualista” e da renovação católica vão definir a tônica dessa fase, em que a intensa angústia, a constante oposição entre matéria e espírito e a sensação de pecado estarão presentes.

O poema *A Legião dos Úrias*, de *Forma e exegese*, exemplifica essas características. Vejamos alguns trechos do longo poema, em que a lua é a princesa que escraviza e amaldiçoa os lendários cavaleiros Úrias, que sofrem o domínio da figura feminina da lua, uma verdadeira Lilith. Vejamos um fragmento desse poema:

#### A legião dos Úrias

Quando a meia-noite surge nas estradas vertiginosas das montanhas  
Uns após outros, beirando os grotões enlazarados sobre cavalos lívidos  
Passam olhos brilhantes de rostos invisíveis na noite  
Que fixam o vento gelado sem estremecimento.

São os prisioneiros da Lua. Às vezes, se a tempestade  
Apaga no céu a languidez imóvel da grande princesa  
Dizem os camponeses ouvir os uivos tétricos e distantes  
Dos Cavaleiros Úrias que pingam sangue das partes amaldiçoadas.

A densidade e o impacto das imagens do poema permitem uma relação entre a estética modernista e a barroca. Vinícius cria um imaginário cheio de tensão e contrastes, com valorização da escuridão e do mistério.

Na segunda fase, esse verso longo, que merece mesmo o adjetivo de “caudaloso” não desaparece; mas outra forma se faz mais presente: o soneto, tanto em versos curtos, quanto em redondilhas, decassílabos e alexandrinos. O tom sorumbático e obscuro da fase anterior começa a ser substituído por uma expressão colorida afinada com realidade.

O livro que via marcar essa transformação é *Novos Poemas*, no qual ainda encontramos poemas ligados à primeira fase. *Soneto da devoção* é um marco do ingresso do poeta nesse novo momento. Nele, a imagem da mulher já perde a aura da maldição.

Essa mulher que se arremessa, fria  
E lúbrica aos meus braços, e nos seios  
Me arrebatada e me beija e balbucia  
Versos, votos de amor e nomes feios.

Essa mulher, flor de melancolia  
Que se ri dos meus pálidos receios  
A única entre todas a quem dei os  
Carinhos que nunca a outra daria.

Nesta fase, Vinicius aos poucos retrata a mudança de seu estilo literário em favor de uma poesia mais intimista, com temas voltados para o amor físico, envolvido em um sensualismo erótico, marcando uma contradição entre o prazer da carne e a formação religiosa. *Cinco Elegias* será, contudo, a obra que marcará a transição definitiva do misticismo para a realidade cotidiana. A linguagem se modifica, tornando-se mais coloquial, direta, contudo, ao mesmo tempo, o poeta recupera a linguagem clássica, lírica, vista nos sonetos, considerados em conjunto como a melhor parte de sua poesia juntamente com as baladas. Pode-se dizer que na nova fase diversas influências à tona, relevando um Vinicius ainda mais versátil e culto, capaz de produzir imagens carregadas de erotismo, coloquialismo, humor e de uma filosofia de vida própria que eternizou máximas como “a beleza é fundamental” e o “infinito enquanto dure”.

*Poemas, sonetos e baladas*, de 1946, revelará um Vinicius pleno em sua produção lírica. Desse livro se extraem alguns de seus poemas mais conhecidos: *Soneto de fidelidade*, *Soneto do maior amor* e *Soneto de separação*. Lembremos que a forma poética do soneto, que foi combatida pelos modernistas da primeira geração, aos poucos, foi ganhando prestígios entre os da segunda. Com o lirismo amoroso de Vinicius de Moraes, essa forma poética se popularizou. Sua coleção de sonetos nos atesta que os problemas da modernidade também cabiam nas velhas formas líricas, desde que feitos por um prisma atual. Essa proposta está presente na clássica fórmula de Vinicius de Moraes, que o amor é eterno enquanto durar. Veja como ele constrói a lírica da separação tão comum em tempos de relações passageiras como os nossos:

#### Soneto de separação

De repente do riso fez-se o pranto  
Silencioso e branco como a bruma  
E das bocas unidas fez-se a espuma  
E das mãos espalmadas fez-se o espanto.

De repente da calma fez-se o vento  
Que dos olhos desfez a última chama  
E da paixão fez-se o pressentimento  
E do momento imóvel fez-se o drama.

De repente, não mais que de repente

Fez-se de triste o que se fez amante  
E de sozinho o que se fez contente.

Fez-se do amigo próximo o distante  
Fez-se da vida uma aventura errante  
De repente, não mais que de repente.

Entretanto, apesar de Vinicius não ter se referido a uma terceira fase, podemos encontrar, a partir do início dos anos 50, no pós-guerra, um novo movimento em sua obra. Nessa época, Vinicius faz amizade com escritores “engajados”, como Neruda e Guillén, colabora para o cinema, escrevendo textos críticos (e tornando-se respeitado crítico), e, em 1953, escreve seu primeiro samba, “Quando tu passas por mim”, em parceria com Antonio Maria. Em 1955 Vinicius é chamado pelo produtor francês Sasha Gordine a escrever o roteiro do filme *Orfeu Negro*, que se tornaria a peça *Orfeu da Conceição*, e no ano seguinte convida Tom Jobim para fazer a música do espetáculo. A Bossa Nova seria lançada dois anos depois, e ao lado de Tom, Vinicius faria suas melhores canções. Outras parcerias surgiriam (Baden Powell, Edu Lobo, Francis Hime, Toquinho) e o envolvimento de Vinicius com a MPB se manteria até o fim de sua vida.

De certo modo, se considerarmos especificamente apenas a produção literária, temos o período de 1933 a 1946 como aquele em que a produção lírica de Vinicius se concentrou. Duas coletâneas, uma em 1954 (*Antologia poética*) e outra em 1957 (*Livro de sonetos*) apenas reproduziriam os poemas já publicados, atestando que o poeta já não se interessava pela criação lírica isolada da música, tornando-se, definitivamente, um importante letrista da MPB.

## CONCLUSÃO

Os pontos em comum entre os poetas da segunda geração fortalecem o amadurecimento da lírica modernista. Ao mesmo tempo em que esse grupo parte de uma reflexão intimista, seus integrantes propõem uma poesia que ajude o homem a vencer os grandes desafios da modernidade. Como foi visto, a estética modernista não podia se prender a um espírito de ruptura como queriam os poetas da primeira geração. Com a pesquisa no passado, a lírica de Cecília Meireles, Murilo Mendes e Vinicius de Moraes nos ensina o quanto a tradição pode ser usada como renovadora das novas propostas. No campo da poesia social, cabe destacar a pesquisa feita por Cecília Meireles com o *Romanceiro da Inconfidência*.



## RESUMO

Esta aula traçou um quadro das principais características da obra de Cecília Meireles, Murilo Mendes e Vinícius de Moraes. Esses poetas partiram de um ponto em comum: resgatar a visão intimista da lírica. Cecília Meireles valorizou a musicalidade e a tradição da lírica portuguesa com destaque para seu poema épico *Romanceiro da Inconfidência*, obra que retoma o debate sobre a liberdade a partir do episódio da Inconfidência Mineira. Já Murilo Mendes valoriza a poesia metafísica de princípios católicos, e Vinícius de Moraes canta a mulher e o amor de forma lírica e particularizada.



## ATIVIDADES

1 Com base no estudo sobre a obra de Cecília Meireles, indique, no poema abaixo, três características modernistas e três específicas de sua obra.

### Retrato

Eu não tinha este rosto de hoje,  
assim calmo, assim triste, assim magro,  
nem estes olhos tão vazios,  
nem o lábio amargo

Eu não tinha estas mãos sem força,  
tão paradas e frias e mortas;  
eu não tinha este coração  
que nem se mostra.

Eu não dei por esta mudança,  
tão simples, tão certa, tão fácil:  
- em que espelho ficou perdida  
a minha face?

2. Comente a perspectiva metafísica de Murilo a partir do poema abaixo extraído da obra *Tempo e Eternidade* (1935 – com Jorge de Lima)

### A Graça

Desaba uma chuva de pedras, uma enxurrada de estátuas de ídolos caindo, manequins descoloridos, figuras vermelhas se desencarnando dos livros que encerram as ações dos humanos.

E o meu corpo espera sereno o fim deste acontecimento, mas a minha alma se debate porque o tempo rola, rola, rola.

Até que tu, impaciente, rebentas a grade do sacrário; e me estendes os braços: e posso atravessar contigo o mundo em pânico.

E o arco-de-deus se levanta sobre mim, criação transformada.

3. A partir das marcas da lírica de Vinicius de Moraes, compare o texto poética com a proposta da segunda geração modernista. Aponte características comuns a todos os poetas e próprias da obra desse poeta.

Poética

De manhã escureço

De dia tardo

De tarde anoiteço

De noite ardo.

A oeste a morte

Contra quem vivo

Do sul cativo

O este é meu norte.

Outros que contem

Passo por passo:

Eu morro ontem

Nasço amanhã

Ando onde há espaço:

– Meu tempo é quando.

## COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

1. Parta para a análise da estética como o verso livre. No que se refere à obra de Cecília Meireles, valorize os elementos próprios da fugacidade.
2. A religiosidade está na busca de uma integração entre o homem e Deus, siga esse raciocínio e as ideias de nossa aula.
3. Dialogue com a *Canção do exílio* de Murilo Mendes, veja que se trata da proposta de uma poesia que também está presente nos textos de Cecília Meireles.



## AUTO-AVALIAÇÃO

Nesta aula, que retoma a poesia da segunda fase do Modernismo brasileiro, destaque as características próprias desse momento e, principalmente, as que marcam a poética de cada um dos escritores estudados aqui: Cecília Meireles, Murilo Mendes e Vinícius de Moraes. Sua habilidade de comparar e contrastar a poética desses escritores mostra que o conteúdo foi bem assimilado. Caso contrário, selecione as marcas estilísticas de cada um a partir das referências aos textos lidos nesta aula.



## PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, passaremos a estudar a prosa regionalista dos escritores nordestinos que despontaram no cenário da década de 30 como uma oposição ao modernismo vanguardista da primeira geração.

## REFERÊNCIAS

- BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 46<sup>a</sup>. edição. São Paulo: Cultrix, 2006.
- CANDIDO, Antonio e CASTELLO, José Aderaldo. **Presença da Literatura Brasileira: Modernismo – História e Antologia**. 15<sup>a</sup>. Edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- CANDIDO, Antonio. **Iniciação à literatura brasileira**, 5<sup>a</sup>. Edição. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007.
- COUTINHO, Afrânio (direção), COUTINHO, Eduardo de Faria. **A literatura no Brasil: Era modernista**. V. 5. 6<sup>a</sup>. Edição. São Paulo: Global, 2001.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. **Roteiro da poesia brasileira**. Modernismo. São Paulo: Global, 2008.
- MEIRELES, Cecília. **Poesia Completa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- RAMALHO, Christina. **Vozes épicas; história e mito segundo as mulheres**. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.
- TAVARES, Hênio. **Teoria literária**. Belo Horizonte: Bernardo Álvares, 1967.
- TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda européia e Modernismo brasileiro**. 18<sup>a</sup>. Edição. Petrópolis, 2009.

Indicação de leitura:

SILVA, Rosana Rodrigues da. A poesia religiosa de Vinicius de Moraes. In: [http://www.uel.br/pos/letras/terraroja/g\\_pdf/vol5/v5\\_7.pdf](http://www.uel.br/pos/letras/terraroja/g_pdf/vol5/v5_7.pdf)